DOI: 10.23899/9786586746136.1

Resistir para existir: dissidências de gênero e seus enfrentamentos no interior do Rio Grande do Sul/Brasil

Rafaela Oliveira Borges*

Introdução

Completando cinquenta e dois anos neste ano, a rebelião de Stonewall é considerada um marco histórico de insurgência contra as repressões às pessoas e às sociabilidades LGBTQIA+; iniciada em junho do ano de 1969 no bar Stonewall Inn em Nova York – EUA é vinculada também a criação das paradas de orgulho pelo mundo. Mas, entre o marco de insurgência e a contemporaneidade das paradas de orgulho LGBTQIA+, há ainda disparidades em termos de direitos, bem como de reconhecimento das experiências que coabitam as margens daquilo que é tido como o normal em termos de gênero e sexualidade. No Brasil, recentemente instaurou-se uma espécie de inquisição contra o ensino das questões de gênero e sexualidade nas escolas, que visam erradicar a evasão por discriminação promovendo a valorização da diversidade (OLIVEIRA; BORGES, 2018). E neste mesmo Brasil, encontramos os maiores índices de assassinatos contra as travestis e as pessoas trans[1]. Neste contexto, a disparidade se materializa em ausência de direitos, discriminações e em múltiplas violências, fazendo com que as experiências dissidentes de gênero necessitem de constante negociação frente às normas socioculturais que buscam conformá-las na ordem que atribui gênero ao sexo biológico desde a gestação do feto humano articuladas também a ontologias religiosas. A necessidade de negociação das experiências dissidentes da norma é observada no campo de estudo desta pesquisa através da interlocução com um grupo de Drag Queens da cidade de Santa Maria interior do Rio Grande do Sul/Brasil.

As Drags são personas artísticas corporificadas por homens, mulheres, travestis e pessoas trans não binárias que vivenciam a experiência da "montação", termo nativo para o ato de fabricar-se Drag, para empreenderem em performances teatrais e/ou na

* Doutoranda em Ciências Sociais pelo PPGCSociais da UFSM.
E-mail: rafaelaoborges@hotmail.com
[1] ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Disponível em: <https://antrabrasil.org/>. Acesso em: 16 set. 2021.

DOI: 10.23899/9786586746136.1

própria diversão. Assim, "montadas ou montadas da barriga para cima" são expressões advindas do campo desta pesquisa; as interlocutoras frequentemente usam as expressões para referirem-se, respectivamente, ao fato de que comparecerão como Drags nos diferentes espaços urbanos e nas diferentes plataformas digitais que coabitam na cidade e na internet (OLIVEIRA, 2019). Atualmente o fenômeno Drag conquistou certa visibilidade na mídia hegemônica brasileira através de Drag Queens como Pabllo Vittar, mas em contextos interioranos persistem incompreensões acerca do que são e do que fazem as Drag Queens. Tal fato engendra a ausência de reconhecimento profissional e remuneração da atividade drag, bem como de espaços consolidados para experimentações de gênero e sociabilidades. Historicamente as Drags formaram as paisagens das culturas de entretenimento LGBTQIA+ marginalizadas, pois as próprias sociabilidades, identificações e vivências LGBTQIA+ ao coabitarem as margens necessitaram e necessitam resistir para existir, como nos informam as insurgências contra as repressões que, em diferentes contextos brasileiros, são revividas como atos de resistências. Nesse sentido, indaga-se aqui como se dão as experiências drag fora dos eixos de produção cultural hegemônica?

Este artigo propõe discussão sobre os enfrentamentos de um grupo de Drag Queens acerca dos espaços para experimentações dissidentes de gênero na cidade de Santa Maria Rio Grande do Sul/Brasil. O objetivo centra-se em analisar como o referido grupo agencia suas experiências artísticas em termos de corporalidades, identificações de gênero e sociabilidades nos espaços urbanos para que continuem existindo. A partir da etnografia desenvolvida desde o ano de 2017 entre o curso do mestrado e atualmente do curso de doutorado, analiso os fatos etnográficos deste campo de pesquisa através das epistemologias queer. Assim, inicio este artigo apresentando a cidade do campo da pesquisa, bem como o fazer de si Drag. Na sequência, evidencio os processos de enfrentamentos que objetivam promover a existência visível, bem como o reconhecimento profissional das experiências drag enquanto um ato de resistência. Por fim, ressalto a relevância da análise antropológica baseada nas agências humanas em articulação com as estruturas socioculturais para tornar compreensível como se reconfiguram, na prática, outros modos de vida que coabitam as margens e apresentam-nos múltiplas formas de viver os gêneros em uma cidade interiorana[2].

[2] Resultados preliminares desta pesquisa foram apresentados no VI Congresso da Associação Latino-americana de Antropologia Social (ALA), realizado no ano de 2020.

DOI: 10.23899/9786586746136.1

A cidade de Santa Maria

Nosso imaginário é povoado por distintas imagens acerca de como as/os antropólogas/os desenvolvem o trabalho de campo, pois esse trabalho foi e é transformado historicamente. Se, em um primeiro momento, os antropólogos de gabinete buscavam utilizar-se de relatos de viajantes e missionários para classificar e comparar as diferentes práticas culturais das sociedades tidas como "selvagens" através da perspectiva etnocêntrica (CASTRO, 2005); se, na sequência do tempo histórico e do desenvolvimento da disciplina, as/os antropólogos/as se deslocavam para sociedades distantes, geograficamente e culturalmente, para compreenderem e compararem as diferentes práticas culturais dos grupos tidos como "exóticos" (MEAD, 2003), atualmente, o "exótico" transforma-se no "familiar" que supomos conhecer. Através de perspectivas da antropologia urbana, antropólogas/os buscam compreender as dinâmicas das práticas culturais dos grupos urbanos pertencentes a sua mesma sociedade (VELHO, 1980; MAGNANI, 2016).

Neste movimento de estranhar o familiar ressalta-se que aquilo "que sempre *vemos e encontramos* pode ser familiar, mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos e encontramos* pode ser exótico, mas até certo ponto, *conhecido*" (VELHO, 1980, p. 126). Parafraseando o referido autor, o fato é que existem descontinuidades entre o mundo da/o pesquisadora/o e os outros mundos, mesmo que esses partilhem da mesma sociedade; a familiaridade que supomos perpassa por categorias sociais hierarquizadas e estereotipadas, que nos falam das dimensões de poder e de dominação inscritas em uma sociedade de classes (VELHO, 1980). Estes estereótipos tornam evidente que não conhecemos as Drag Queens, muito menos os seus pontos de vista (MALINOWSKI, 1978). Estranhar o familiar significa que:

> [...] a viagem é como a do xamã: um movimento drástico onde, paradoxalmente, não se sai do lugar. E, de fato, as viagens xamanísticas são viagens verticais (para dentro ou para cima) muito mais do que horizontais, como acontece na viagem clássica dos heróis Homéricos. E não é por outra razão que todos aqueles que realizam tais viagens para dentro e para cima são xamãs, curadores, profetas, santos e loucos; ou seja, os que de algum modo se dispuseram a chegar no fundo do poço de sua própria cultura. Como consequência, a segunda transformação conduz igualmente a um encontro com o outro e ao estranhamento (DA MATTA, 1978, p. 5-6).

Busquei realizar este movimento de estranhar o familiar para "[...] descobrir o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação" (DA MATTA, 1978, p. 5), na cidade de Santa Maria/RS/Brasil no intento de, assim, compreender as práticas

DOI: 10.23899/9786586746136.1

culturais de um grupo de Drag Queens. Rodeada por grandes morros e localizada no centro do estado do Rio Grande do Sul, Santa Maria é conhecida como "Santa Maria da Boca do Monte" e "Coração do Rio Grande do Sul". Com aproximadamente 285 mil habitantes é considerada uma cidade interiorana de médio porte. Em 1960, com a implantação da Universidade Federal de Santa Maria, passou a ser conhecida como "Cidade Universitária" e "Cidade Cultura". Carrega em suas tramas a tragédia da Boate Kiss, ou a tragédia de Santa Maria (SIQUEIRA; VÍCTORA, 2018), evento que vitimou 242 pessoas e deixou mais de 600 feridos/as no verão do ano de 2013.

Com importante movimento histórico associado à diversidade, existem em Santa Maria atualmente a ONG Igualdade e coletivos LGBTQIA+, como o Coletivo Voe e o Coletivo Transviver, que promulgam ações em prol da diversidade na cidade. Entre 2016 e 2017, a cidade contou com o Manifesta Coletivo formado por Drags locais ao buscarem conexão com o movimento LGBTQIA+. A partir de 2015, a Muamba, festa popular do carnaval de rua, promoveu espaço festivo que se pretendeu livre de "machismos, racismos, LGBTfobias e intolerâncias religiosas". Anualmente são desenvolvidas duas paradas de orgulho LGBTQIA+ na cidade, sendo elas a Parada da Região Centro organizada pela ONG Igualdade em parceria com a prefeitura municipal e a Parada LGBT Alternativa idealizada e organizada pelo Coletivo Voe.

Figura 1 – Parada LGBT Alternativa - Novembro de 2018

Fonte: Carolina Carvalho; Yuri Paim.

DOI: 10.23899/9786586746136.1

Metodologia

Nos moldes de uma etnografia do particular conectada (ABU-LUGHOD, 2018; HINE, 2015), desenvolvo esta pesquisa etnográfica. Na etnografia do particular conectada são perscrutadas práticas drag que se afastam da coerência e universalidade que Cultura ou culturas drag possam vir a aludir. Segundo Abu-Lughod (2018), práticas desnudam em suas negociações e complexidades os aspectos múltiplos, cambiantes e concorrentes das ações, bem como suas formulações e efeitos práticos. Nesta perspectiva, no começo do ano de 2017, adentrei em distintos espaços urbanos com outros modos de vida para estar, efetivamente, lá (FAVRET-SAADA, 2005), com as interlocutoras na cena drag santa-mariense. Ao encontro dos "fatos etnográficos" (PEIRANO, 2014, p. 380), participei de festas drag e LGBTQIA+ e de eventos relacionados à diversidade na cidade de Santa Maria/RS/Brasil e região, como paradas de orgulho e concurso de *misses*. Nos anos de 2018 e 2019, entrevistei presencialmente onze Drags, e entre os anos de 2019 e o verão de 2020 observei repetidas vezes à produção de "montações" e de vídeos para o Youtube nas residências das interlocutoras, participando como ajudante nestas ocasiões. Percorro também, desde o ano de 2018, a referida cena drag em seus trajetos, encontros e deslocamentos pelas diferentes plataformas digitais do Facebook, Instagram e Youtube, observando e participando *online* com as interlocutoras das suas práticas drag nos ambientes digitais.

"Mas, afinal, o que é Drag hein?"

Ao tomar o corpo como fio condutor de reflexão socioantropológica ressalta-se que o dualismo ocidental contemporâneo opõe homens e mulheres dos seus corpos, ignorando o fato de que "[...] a condição humana é corporal, de que o homem é indiscernível do corpo que lhe dá a espessura e a sensibilidade de seu ser no mundo" (LE BRETON, 2011, p. 11). Nesse sentido, afirma o referido autor que "[...] viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, a partir do simbólico que ele encarna" (LE BRETON, 2011, p. 7). No entanto, os corpos no mundo recebem tratamentos socioculturais que produzem valores que os distinguem, assim como "[...] falam-nos também da pessoa e das variações que sua definição e seus modos de existência conhecem, de uma estrutura social a outra" (LE BRETON, 2011, p. 8); engendrando-se, assim, a perspectiva de que os corpos não são óbvios, já que "[...] a evidência de um é o espanto do outro, senão sua incompreensão" (LE BRETON, 2011, p. 11). Sobre o tratamento que confere sentido aos corpos em determinados sistemas de valores, afirma-se que os corpos carregam marcas, pois "[...] ao longo dos tempos os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência dos seus corpos, a partir dos padrões e referências, das normas, valores e

DOI: 10.23899/9786586746136.1

ideais da cultura" (LOURO, 2004, p. 75) Assim, "[...] os corpos são o que são na cultura" (LOURO, 2004, p. 75), e as marcas sobre estes, como as de raça, de sexo, de gênero, de sexualidade, de etnia, dentre outras, são "[...] características dos corpos significadas como marcas pela cultura, distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder" (LOURO, 2004, p. 76).

E no que diz respeito à marca que estabelece divisão entre masculino e feminino há "[...] uma divisão usualmente compreendida como primeira, originária ou essencial e, quase sempre, relacionada ao corpo" (LOURO, 2004, p.76), que ocasiona um equívoco ao supor que o "[...] modo como pensamos o corpo, e a forma, como a partir de sua materialidade, "deduzimos" que identidades de gênero e sexuais sejam generalizáveis para qualquer cultura, para qualquer tempo e lugar" (LOURO, 2004, p. 76). Tal dedução atribui gênero ao sexo biológico desde a gestação do feto humano e, também no contexto brasileiro, se articula a ontologias de mundo religiosas. De acordo com Butler (2010), a perspectiva essencialista ocasiona sobre os corpos que transgridem a inteligibilidade da matriz heterossexual, em que sexo, gênero e desejo são pensados em uma sequência lógica, imutável e dada como natural tornando a heterossexualidade destino compulsório, o lugar de abjeção, de não humanidade. Além disso, há invisibilidades sobre as experiências dissidentes em meio às distintas confusões que pensam Drags, Travestis e Pessoas Trans como iguais produzindo-se, assim, compreensões estereotipadas (VENCATO, 2003); conforme observado em Santa Maria/RS tais confusões entre Drags e Travestis, por exemplo, afastam a relação das Drag com o processo artístico da "montação" e da performance teatral, bem como associam as drags, as travestis e as pessoas trans depreciativamente ao mercado do sexo.

Nesse sentido, é importante ressaltar alguns aspectos centrais para a compreensão das experiências drag, como as corporalidades e as teatralidades (VENCATO, 2002; 2003); nas palavras da autora:

> A drag tem um tempo "montada", outro "desmontada" e, ainda, aquele em que "se monta". Diferente de travestis e transexuais, as mudanças no corpo são feitas, de modo geral, com truques e maquiagem. A corporalidade drag é marcada pela teatralidade, perspectiva que é importante para compreender esses sujeitos (VENCATO, 2003, p. 196).

Assim, "montada ou montada da barriga para cima" são expressões advindas do campo desta pesquisa. As interlocutoras frequentemente usam as expressões para referirem-se, respectivamente, ao fato de que comparecerão como Drags nos

DOI: 10.23899/9786586746136.1

diferentes espaços urbanos e nas diferentes plataformas digitais que coabitam na cidade e na internet. A partir das observações participantes e narrativas das interlocutoras ressalto, muito brevemente, que Drags são personas artísticas corporificadas por homens, mulheres, travestis e pessoas trans não binárias, que vivenciam a experiência da "montação" para empreenderem em performances teatrais e/ou na própria diversão (OLIVEIRA, 2019); fazer de si drag, portanto, não pressupõe nem identidades sexuais e muito menos identidades de gênero. A Drag enquanto persona artística trabalha com expressões de gênero para o espetáculo (JESUS, 2012). E no intento de reinventar outra/o de si, produzem suas corporalidades através de indumentárias, maquiagens, perucas etc. Conforme narrado por Vencato (2005, p. 245):

> Parece que pintar o corpo ritualmente é uma prerrogativa de transformar-se de pessoa em persona. É o que algumas drags relatam ao mencionarem a hora do batom ou o final da maquiagem dos olhos como o momento em que a drag "baixa" – que se tornam efetivamente a personagem.

Figura 2 – Da pessoa a persona: Magenta Cianureto[3] – Julho/Dezembro de 2020

Fonte: Magenta Cianureto; Diário de fotografias da pesquisadora.

[3] Magenta Cianureto. Disponível em: <https://www.instagram.com/magentacianureto/>. Acesso em: 23 set. 2021.

DOI: 10.23899/9786586746136.1

E não há uma única forma para fazer de si drag. A maneira como as corporalidades são construídas, bem como a forma como as identificações são tomadas para si fazem com que emerjam diferentes personagens e estéticas, que possuem distintas compreensões acerca do que é, para si, montar-se para ser drag. Mas se fazer de si drag através da fabricação das corporalidades varia, a compreensão acerca do que é ser Drag é recorrente e requisitada neste campo de pesquisa: Ser Drag é ser "artista! Drag é arte, não é bagunça!". Estas práticas culturais sobre como fazem de si drag raramente são visibilizadas em eixos de produção cultural dominante, já que nestes eixos, atualmente, vincula-se a visibilidade de algumas poucas Drags na mídia hegemônica brasileira a fenômenos televisivos norte-americanos como o *reality show RuPaul's Drag Race*. Tal equívoco ignora gerações de artistas brasileiras, com mais de trinta anos de carreira, bem como artistas de cidades interioranas que formam e coabitam as paisagens das culturas de entretenimento LGBTQIA+ historicamente marginalizadas. Assim, a partir da experimentação das Drag Queens interlocutoras, destaco corporificações que não se relacionam, em termos de aprendizados, identificações e estéticas drag, ao fenômeno norte-americano. Sobre isto ressalto também a importância dos diferentes contextos culturais que manifestam distintas práticas sobre como fazer de si Drag, pois:

> [...] muitas identificações Drag são, assim, contingentes. E, quando experimentadas "fora do eixo", revelam-nos através da experiência etnográfica outros marcadores sociais da diferença [...] constituindo a materialização de uma Transformista, Drag Queen, santa-mariense e brasileira. *Isabelly Popovick* traz em suas identificações, sobretudo, o carnaval como sua marca registrada, escancarando, ainda, que fazer Drag não se restringe a determinada identidade de gênero e/ou sexual. É uma "mulher trans, negra, de origem periférica, filha de Xangô e Iansã", que corporifica em si essas e outras múltiplas possibilidades de identificações (OLIVEIRA, 2021, p. 70).

DOI: 10.23899/9786586746136.1

Figura 3 – Múltiplas identificações a brasileira: Isabelly Popovick – Novembro de 2019

Fonte: Coluna Ponto de Vista; Diário de fotografias da pesquisadora.

Então, ao invés de pensar sujeitos como dotados de identidades fixas e universais definidas a partir dos seus corpos ou, em outras palavras, "[...] antes de "ler" os gêneros e as sexualidades com base nos "dados" dos corpos, parece prudente pensar tais dimensões como sendo discursivamente inscritas nos corpos e se expressando através deles" (LOURO, 2004, p. 80). O sexo biológico, portanto, não é um "[...] simples fato ou a condição estática de um corpo, mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o "sexo" e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada de normas" (BUTLER, 2001, p. 153-154). As normas de gênero engendram um efeito performativo que produz "[...] uma identidade tenuamente construída no tempo, instituída num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos" (BUTLER, 2010, p. 200). Tal repetição é, assim, parodiada pelas interlocutoras, pois "[...] a performance do drag brinca com a distinção entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado [...] ao imitar o gênero, o drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero" (BUTLER, 2010, p. 196). Sua figura lembra-nos "[...] que as formas como nos apresentamos como sujeitos de gênero e de sexualidade, são, sempre, inventadas e sancionadas pelas circunstâncias culturais em que vivemos" (LOURO, 2004, p. 86-87).

DOI: 10.23899/9786586746136.1

Espaços de experimentações dissidentes de gênero

Os espaços urbanos com performances, experimentações e sociabilidades Drag na cidade de Santa Maria constituíram-se, entre os anos de 2015 e 2020[4], de festas de carnaval e de festas drag e LGBTQIA+ em boates e bares, bem como de eventos relacionados à diversidade na cidade e região, como paradas de orgulho e concurso de *misses*. Nas paradas de orgulho LGBTQIA+ da cidade e da região as interlocutoras compareceram "montadas"; como figuras do entretenimento LGBTQIA+ imprimem através das suas imagens em meio à multidão as estéticas visuais das paradas, bem como trabalham com performances políticas em prol da diversidade nestes eventos de forma voluntária. No entanto, as paradas de orgulho, bem como os concursos de *misses* são eventos anuais e a busca por espaços que abriguem sociabilidades e performances Drag é cotidiana. Nesse sentido, há uma busca que é compreendida pelas interlocutoras como um ato de resistência para que as experiências drag existam visivelmente nos espaços urbanos, e que estes lugares se tornem pontos de experimentações e sociabilidades drag. É importante dizer, então, que o fazer drag tem relação direta com o público, pois como personas artísticas realizam performances teatrais nos eventos que participam. É nesse sentido que suas atividades são públicas, já que são feitas para serem vistas, e as sociabilidades entre Drags são importantes ao funcionarem também como redes que conectam novas Drags a espaços que propiciem frequentarem "montadas".

Assim, festas drag santa-marienses como a Drag Night[5], a Manifesta[6] e a Bapho Drag[7] possibilitaram e possibilitam, não fosse o hiato pandêmico, as interações e as sociabilidades, bem como as experimentações e testagens no que toca as "montações", as performances e as performatividades de gênero de forma cotidiana.

No entanto, os bares e as boates que abrigaram as festas drag não foram somente pontos de encontros drag e LGBTQIA+, mas assumiam e assumem significados diversos para grupos distintos. Diferente das metrópoles urbanas que possuem bares e boates voltados especificamente para as performances e sociabilidades drag e LGBTQIA+, inclusive com remuneração para o trabalho drag, em cidades interioranas os espaços urbanos, como bares e boates, são negociados e transmutados conforme os fins desejados. Assim, o bar que recebeu festas drag no sábado, é o mesmo que na sexta-feira recebeu festa eletrônica, ou de hip-hop, ou de *rock and roll* etc. Assim, diferentes

[4] Entre os anos de 2015 e 2016 realizei trabalho de campo exploratório na cena drag santa-mariense.
[5] Festa drag idealizada e organizada por Drags locais no ano de 2015.
[6] Festa drag idealizada e organizada por Drags locais entre os anos de 2016 e 2018.
[7] Festa drag idealizada e organizada por Drags locais desde o ano de 2019.

DOI: 10.23899/9786586746136.1

grupos de jovens coabitam e transformam estes lugares na cidade de Santa Maria/RS conforme os usos que são feitos deles. No caso das Drags, os espaços são negociados para que a atividade Drag continue existindo, já que sem a interação com o público essa atividade perde um dos seus principais sentidos.

Os espaços com performances e sociabilidades drag constituem um circuito drag (OLIVEIRA, 2019), materializado por diferentes lugares e coabitado por realidades paralelas (MAGNANI, 2007). De acordo com Magnani (2007), o circuito permite que pensemos acerca dos lugares que não possuem relação contígua, mas que são reconhecidos por sujeitos que fazem usos habituais desses espaços e estabelecem redes de sociabilidades; denota, ainda, a cena em suas "[...] atitudes e opções estéticas e ideológicas, articuladas nos e pelos circuitos" (MAGNANI, 2005, p. 201). O circuito drag santamariense é, assim, produto das práticas das Drags que agenciam a existência visível das suas performances, sociabilidades e experimentações pela cidade. Além de idealizarem e organizarem as festas drag, frequentam as festas LGBTQIA+ com o intuito de serem vistas e, então, angariarem espaços de trabalho nessas festas. E além da negociação com os espaços urbanos para a realização das festas drag, as interlocutoras vêm requisitando o reconhecimento profissional da atividade drag passível de remuneração.

Tal fato ocorre frente às raras práticas que proporcionam o pagamento de cachês em Santa Maria/RS, ressaltando-se que a "entrada gratuita em festas ou algumas cervejas" não configuram remuneração aceitável para a contratação das performances drag. Este enfrentamento perante a cultura local que pouco reconhece o trabalho artístico drag, fez com que as interlocutoras e organizadoras dos eventos Bapho Drag buscassem desenvolver nas próprias festas drag: (i) "Resistência drag em Santa Maria/RS. Buscamos espaços para que as pessoas possam se montar e também apreciar a arte drag king/queen/queer"[8]; (ii) geração de cachês, mesmo que simbólicos, para as Drags que se apresentaram nas festas Bapho. Neste contexto de crise sanitária provocada pela pandemia da Covid-19, através dos editais, respectivamente, municipal "Viva a Cultura" em 2020 e federal "Aldir Blanc" em 2021, as organizadoras da Bapho promoveram duas edições de *lives* drag na plataforma do Instagram, proporcionando o pagamento de cachês para algumas Drags santa-marienses, que depois de inscritas através de formulário *online*, foram selecionadas para se apresentarem e participarem de entrevistas durante as *lives*. Nesse sentido, de forma pioneira, os enfrentamentos para a manutenção do circuito de práticas drag ultrapassaram as negociações com os

[8] Bapho. Disponível em: <https://www.facebook.com/baphodrag/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 23 set. 2021.

DOI: 10.23899/9786586746136.1

espaços urbanos para as performances e as sociabilidades ao engendrarem também a perspectiva que objetiva o reconhecimento profissional do trabalho artístico drag.

Considerações

Se, por um lado, a incompreensão acerca do que são e do que fazem as Drag Queens santa-marienses engendra a ausência de visibilidade e de reconhecimento profissional do trabalho artístico, bem como de espaços consolidados para experimentações dissidentes de gênero e sociabilidades, por outro lado, a presente experiência etnográfica informa-nos sobre as práticas de enfretamentos das interlocutoras para que continuem existindo, para que sejam vistas e reconhecidas, para que resistam apesar do contexto da abjeção. Tal consideração relaciona-se com a analítica antropológica aqui empregada, baseada nas agências humanas em articulação com as estruturas socioculturais, tornando compreensível como se reconfiguram, na prática, modos de vida drag que coabitam as margens e manifestam através da arte outras maneiras de se viver os gêneros em uma cidade interiorana.

Referências

ABU-LUGHOD, L. A escrita contra a cultura. **Equatorial**, n. 8, p. 193-226, 2018.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTRO, C. (Org.). **Evolucionismo cultural:** textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DA MATTA, R. O oficio de etnólogo ou como ter anthropological blues. In: **Boletim do Museu Nacional**. n. 27, 1978.

FAVRET-SAADA, J. Ser Afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, 2005. [Tradução de Paula Siqueira].

HINE, C. **Ethnography for the internet:** embedded, embodied and everyday. Huntingdon: Bloomsbury Publishing, 2015.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre a população transgênero**: conceitos e termos. Brasília: Autora, 2012.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

DOI: 10.23899/9786586746136.1

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo social**, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. de S. (Org.). **Jovens na Metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, J. G. Antropologia Urbana: desafios e perspectivas. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 174-203, 2016.

MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental. 1978.

MEAD, M. **Sexo e temperamento.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

OLIVEIRA, R. B. **Tem babado novo na rede**: um mergulho no circuito Drag *on-offline* de Santa Maria/RS. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

OLIVEIRA, R. B. "Quando estou montada posso ser o que eu quiser": Corporalidades e identificações nas experimentações Drag de Isabelly Popovick. **Fotocronografias**, v. 7, n. 15, p. 66-81, 2021.

OLIVEIRA, R. B.; BORGES, Z. N. Pânico moral e ideologia de gênero articulados na supressão de diretrizes sobre questões de gênero e sexualidade nas escolas. **Rev. Bras. Educ**., Rio de Janeiro, v. 23, 2018.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horiz. Antropol.** v. 20, n. 42, p. 377-391, 2014.

SIQUEIRA, M. D. de; VÍCTORA, C. G. Na sequência da tragédia: sofrimento e a vida após o incêndio da Boate Kiss. **Revista Antropolítica,** n. 44, p. 178-201, 2018.

VELHO, G. "Observando o familiar". In: VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1980.

VENCATO, A. P. **Fervendo com as drags**: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. 2002. 124 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

VENCATO, A. P. Confusões e estereótipos: o ocultamento de diferenças na ênfase de semelhanças entre transgêneros. **Cadernos AEL**, v. 10, n. 18-19, p. 187-215, 2003.

VENCATO, A. P. Fora do armário, dentro do closet: o camarim como espaço de transformação. **Cadernos Pagu**, n. 24, p. 227-247, 2005.